

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 18

# HISTÓRIA • MEMÓRIA • NAÇÃO



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1996

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

*O presente número da Revista de Historia das Ideias te ve a sua origem no Encontro Euso-Espanhol realizado na Faculdade de Letras de Coimbra, em Maio de 1994, o qual se subordinou ao título "Eiistória, Memoria e Nação". Na sua grande maioria, os textos agora apresentados são provenientes deste Encontro, tendo-se anexado apenas três que, embora exteriores ao colloquio, participam directamente na mesma ordem de problemas.*

*O tema — "Eiistória, Memoria, Nação" — não designa, com toda a evidência, um domínio estável e perfeitamente recortado do labor historiográfico. Se até há alguns anos atrás o significado dos termos e a própria relação entre Historia e Memoria era consensual — desde Cícero que a Historia era "a vida da memoria" — essa consensualidade terminou e estas noções parecem ser agora cada vez mais problemáticas.*

*Entre Historia e Memoria os posicionamentos são muitos e variados. Há os que vêem nestes termos uma relação de oposição (Halbwachs, Pierre Nora), os que, pelo contrário, encontram neles uma relação de continuidade (Peter Burke) e há, finalmente, aqueles que escolhem uma terceira via, intermédia (Gérard Namer).*

*Como terceiro eixo desta relação, apresenta-se ainda o termo "Nação". A nação pode ver-se como o resultado de um enriquecimento da consciência colectiva, que não aparece senão depois de um trabalho da história — "as nações são filhas da história" —> e a esta consciência da história tem-se chamado memória colectiva (Claude-Gilbert Dubois). Mais problemática é a caracterização da História da Nação. Para Pierre Nora ela é ainda memória, bem longe da recentemente nascida História da História, essa sim, verdadeiro signo da ruptura consumada entre história e memória, isto é, signo da total dessacralização da História. Porém, contrariamente a Nora, e numa diferente*

*direcção, a própria história da história tem recentemente tratado a historiografia como Halbwachs tratou a memória, isto é, como o produto de grupos sociais, tal como os monges beneditinos ou os professores universitários... Esta é uma visão que relativiza, não apenas a história, mas também a história da história — tirando-a do lugar privilegiado de objectividade, como dessacralização última e definitiva, que lhe tinha dado Nora — colocando de novo a história no estatuto de memória social (Peter Burke).*

*É, pois, manifesto que os problemas se multiplicam em série, e não faz parte das nossas atribuições tomar qualquer posição. Assim, a função do título do n.º 18 da Revista de História das Ideias é a de um referencial, onde os termos (História, Memória, Nação) se instituem como coordenadas complexas, na intersecção de múltiplos eixos: da memória individual à memória colectiva, da "memória dos grupos" à "memória social", dos quadros sociais abstractos à memória afectiva, da história-memória à história-da-história, das imagens às correntes de pensamento, destas às comemorações... O conjunto dos textos apresentados percorre, sob formas diversas, estas diferentes direcções, e a sua forma de inscrição no referencial corresponde sempre, em cada caso, a uma localização personalizada.*

*Num momento em que a História reflecte cada vez mais sobre si própria e em que os historiadores se interrogam recorrentemente sobre o seu lugar e o da sua ciência, a Revista de História das Ideias não podia deixar de estar aberta a esta problemática que, desde finais da década de setenta, atravessa o meio historiográfico, da Inglaterra à França, da Itália aos Estados Unidos, passando igualmente e, neste caso, particularmente, por Espanha e por Portugal.*

A Coordenadora

*Isabel Ferreira da Mota*